

Geopolítica Geral do Islã

Daniel Day Vázquez

Tradução Hugo Alves Simplício¹

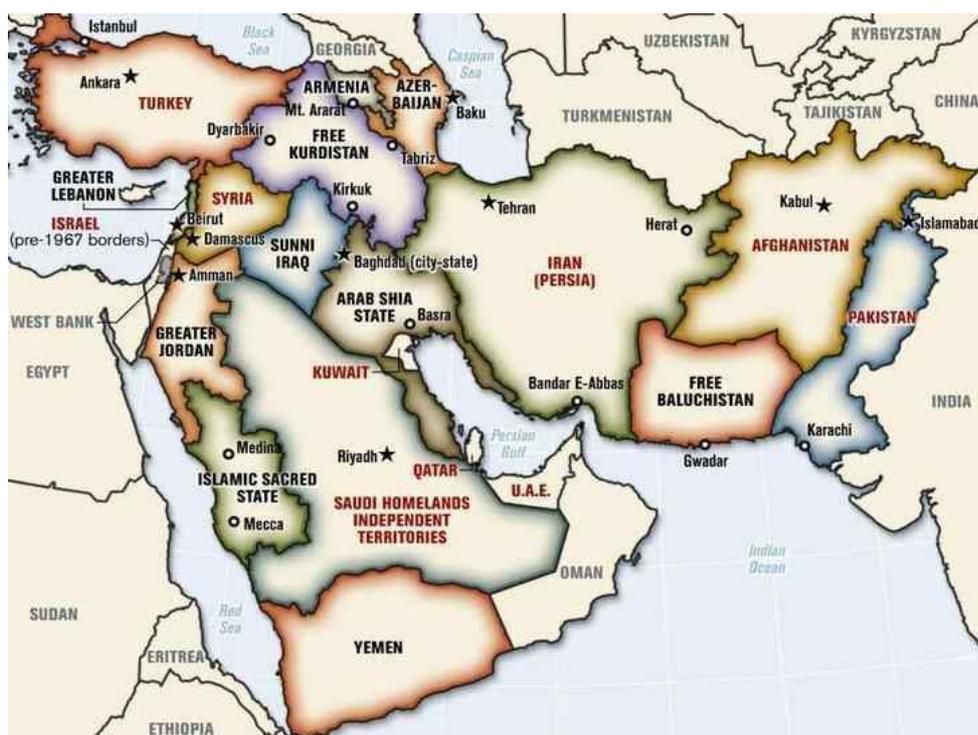
1 INTRODUÇÃO

O mundo islâmico tem sido uma importante “zona intermediária” geopoliticamente falando. Separa duas das áreas historicamente mais povoadas do mundo (Europa e Ásia Oriental) e através dela tem passado inúmeras rotas migratórias e comerciais, por onde tem circulado pessoas, objetos, ideias e credos religiosos. As terras agora sob o domínio islâmico foram às primeiras que viram nascer a civilização, e seguem tendo ainda hoje um enorme impacto devido a quantidade de recursos naturais que abrigam. Por tanto, compreender o mundo islâmico é de uma importância capital para qualquer potência que pretenda mover-se com liberdade pelo mundo e adquirir alguma influência. Isto é particularmente certo para a Europa que tem mantido guerras contra o Islã (na Espanha, nos Balcãs e em todo o Mediterrâneo), enclaves de influência (os reinos cruzados) e impérios coloniais. A Europa somente poderá fazer algo grande se souber tratar o Islã com respeito e grandiosidade, e não cedendo diante dele, como fizeram no passado homens como os templários, Alfonso X “O Sábio”, os imperadores da Dinastia Hohenstaufen ou Lawrence da Arábia.

O primeiro erro que geralmente se incorre acerca da geopolítica do Islã é pensar que se trata de um bloco homogêneo. Assim como durante o século XVI, enquanto França e Espanha eram inimigas, a França apoiava os muçulmanos otomanos apesar de ser um país cristão; atualmente é o Islã quem está dividido em blocos (por exemplo, os turcos, os petro-regimes árabes do Golfo, Irã, Paquistão e Indonésia), que fazem uma política independente.

1 Daniel Day Vázquez é espanhol, e escreve sobre geopolítica. Contato: lur-ker@hotmail.es

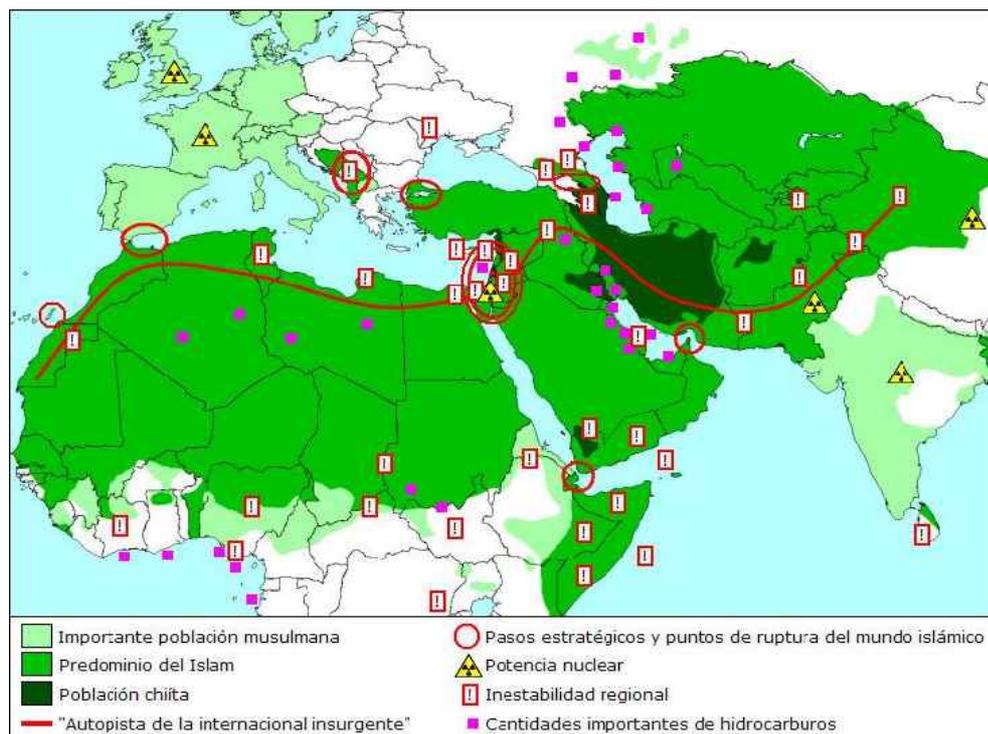
Hugo Alves Simplício é licenciado em Geografia pela UFRN e cursa bacharelado na mesma instituição. Contato: hgeo81@hotmail.com



Este mapa do Tenente Coronel norte-americano Ralph Peters (2006) aconselha uma reorganização do Oriente Médio, supostamente tendo em conta as particularidades étnicas e religiosas. Na realidade, se trata de balcanizar o panorama geopolítico para impedir uma excessiva concentração de poder e a aparição de potências regionais (especialmente Irã, Síria e Turquia), capazes de tratar de igual para igual com os pesos pesados no tabuleiro geoestratégico.

Os Estados Unidos, supostamente o paladino anti-islâmico do mundo, não tem problema de aliar-se com a monarquia alauita de Marrocos, com a extremista e ditatorial monarquia saudita, com os talibãs nos anos 80, com os albaneses kosovares e com os chechenos. A Turquia foi durante muito tempo a ponta de lança dos interesses norte-americanos nos Bálcãs, Cáucaso e Ásia Central (com a doutrina do panturanismo ou unificação dos espaços de língua turcófona), mas o ataque à flotilha de Gaza, em maio de 2010, fez com que Ancara renunciasse aos seus sonhos europeus e aos direitos humanos, aproximando-se do “eixo da resistência” (Irã-Síria-Hezbollah-Hamas). O Paquistão também era um aliado da OTAN diante da crescente influência russa, iraniana e chinesa na região, mas com a expansão do poder econômico chinês, Islamabad tem se inclinado claramente para o lado de Pequim, enquanto os Estados Unidos recorrem à sedução da Índia e assinam tratados armamentistas com Nova Déli (em detrimento da Rússia, tradicional fornecedora de armas aos indianos).

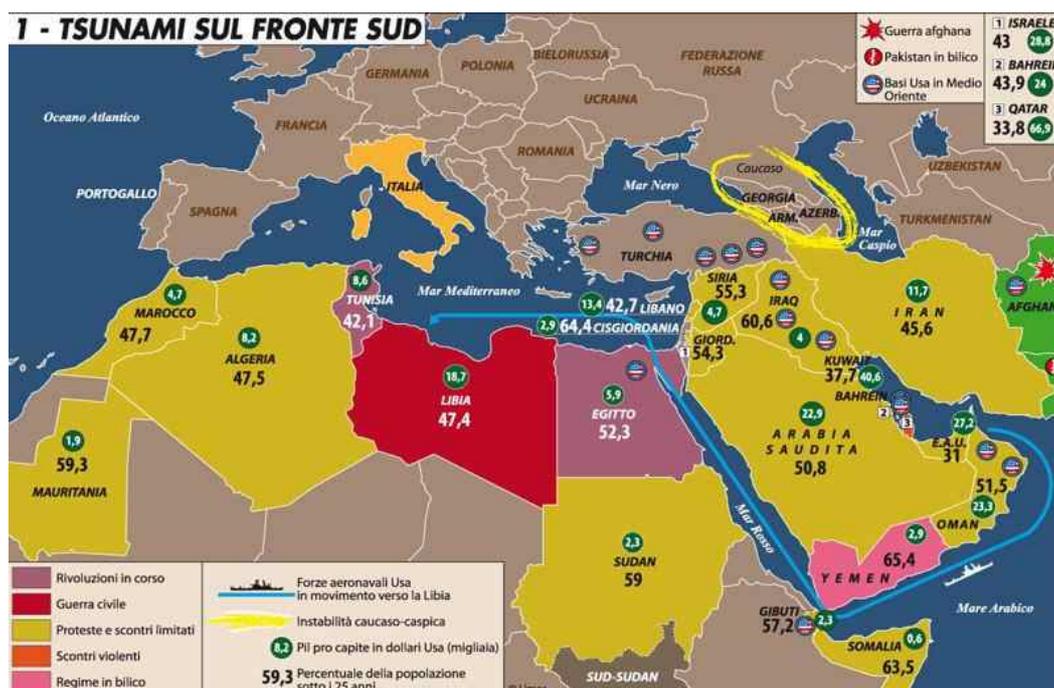
Por estes motivos, a geopolítica do Islã não é algo que se possa abordar de forma homogênea, senão que precisa ser esmiuçada.



Quadro geral do Islã. Israel é a chave, em parte porque divide ao meio a "autopista da insurgência internacional" e se trata de uma base atlantista à porta da Eurásia (como são Coreia do Sul e, em menor medida, Grã-Bretanha e Japão). Israel, que logicamente defende sua existência a ferro e fogo, tem envenenado as relações diplomáticas em toda a Eurásia, colocando o mundo muçulmano em pé de guerra. Todos os conflitos do planeta, todos os enfrentamentos entre o bloco "eurasiático" central e o bloco atlantista periférico, se resumem e concentram no problema israelense e estão a ele relacionados.

2 ZONAS QUENTES DO MUNDO ISLÂMICO

Embora qualquer país islâmico seja uma área instável em potencial, existem regiões que se destacam como verdadeiros barris de pólvora do ponto de vista geopolítico. A atual onda de revoltas não tem feito mais que evidenciar que o mundo muçulmano esteve por décadas às portas de revoltas sócio religiosas, e que está surgindo uma nova ordem no mundo árabe. O que resultará desse novo quadro geopolítico (democracias soberanas, ditaduras militares alinhadas com os EUA ou repúblicas islâmicas alinhadas com Irã), somente o tempo dirá.



A onda de mudanças no mundo muçulmano. Porcentagem da população abaixo de 25 anos, renda per capita e situação sociopolítica de cada país. Fonte: <http://temi.repubblica.it/>

ISRAEL-GAZA-CISJORDÂNIA-LÍBANO-SÍRIA: Israel exerce uma função de bloqueio geográfico, e corta a metade de franja geográfica altamente instável (a chamada “estrada da insurgência internacional”, ver Atlas Geopolítico 2010, p. 58) que vai desde o Saara Ocidental até o Turquestão chinês, e onde se inter cruzam os interesses de Estados Unidos, Rússia, Europa, China e potências regionais como Turquia, Síria e Irã. Esta passagem estratégica é o lar de perigosos extremistas religiosos, tanto judeus quanto muçulmanos.

Desde antes de ser estabelecido em 1948, o Estado de Israel tem sido uma fonte constante de conflitos. Em 1956, a nacionalização do canal de Suez por parte do Egito produziu a Guerra do Sinai; em 1967 a Guerra dos Seis Dias opôs Israel e Egito, Síria e Jordânia; e em 1973 um novo conflito envolvendo o mundo árabe e Israel, a Guerra do Yom Kippur (Dia do Perdão), provocou uma grave crise petrolífera e econômica em todo o mundo.

As fronteiras setentrionais de Israel se mostram altamente instáveis. O Líbano tem abundantes recursos de água, gás natural e petróleo, e seu nível de desenvolvimento econômico fez com que fosse considerado “a Suíça do Oriente Médio”. Em 1982, a guerra e ocupação do Líbano por forças israelenses destruiu a economia libanesa e fez surgir o grupo armado Hezbollah, apoiado pelo Irã. Israel ainda ocupou as Colinas de Golã, um território que conquistou da Síria na Guerra dos Seis Dias, e que inclui o conflituoso território das fazendas de Cheba, reivindicadas pelo Líbano.

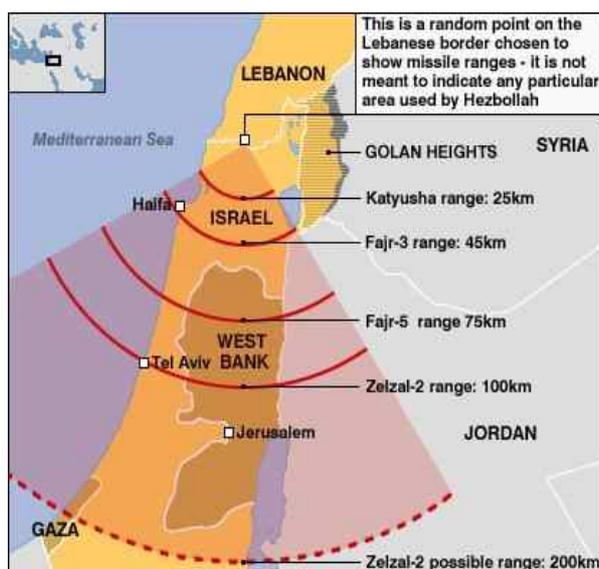


Problemas estratégicos de Israel. As maiores ameaças procedem do Líbano (Hezbollah) e de Gaza (Hamas). Ambas as organizações armadas tem sobrevivido às ofensivas israelenses e são agora mais fortes e populares que em qualquer outro momento da história.

A guerra do Líbano de 2006 fracassou em seus objetivos (destruir o Hezbollah) e, atualmente, existem sérios riscos de um novo conflito com o Líbano (ocorre uma evacuação, com discrição, em todo o norte de Israel) e a Síria. Este conflito (que poderia ocorrer quando o Tribunal Especial para o Líbano fizesse conhecer a sentença sobre a morte do ex-primeiro ministro Rafik Hariri em 2005) inevitavelmente implicaria o Irã, e poderia afetar, por sua vez, China e Rússia, países que são imprescindíveis para o Irã (o Irã está para a China assim como a Arábia Saudita para os EUA). Esta escalada pode desembocar em uma guerra mundial, inclusive com o uso de armas nucleares, provavelmente como parte de um ataque preventivo israelense.



O panorama da guerra do Líbano de 2006. A aviação israelense utilizou bombas de fragmentação e arrasou cidades do Líbano (especialmente as de maioria xiita), e além disso infraestruturas como aeroportos, estradas e pontes. O Hezbollah (organização financiada por Irã e Síria) respondeu derrubando helicópteros, alcançando a Marinha israelense (como a prestigiada Saar-5) e bombeando as cidades do norte israelense com mísseis. Os israelenses fracassaram claramente em seu objetivo, e os iranianos entraram com recursos para reconstruir o país. É provável que a guerra se repita de uma forma mais intensa.

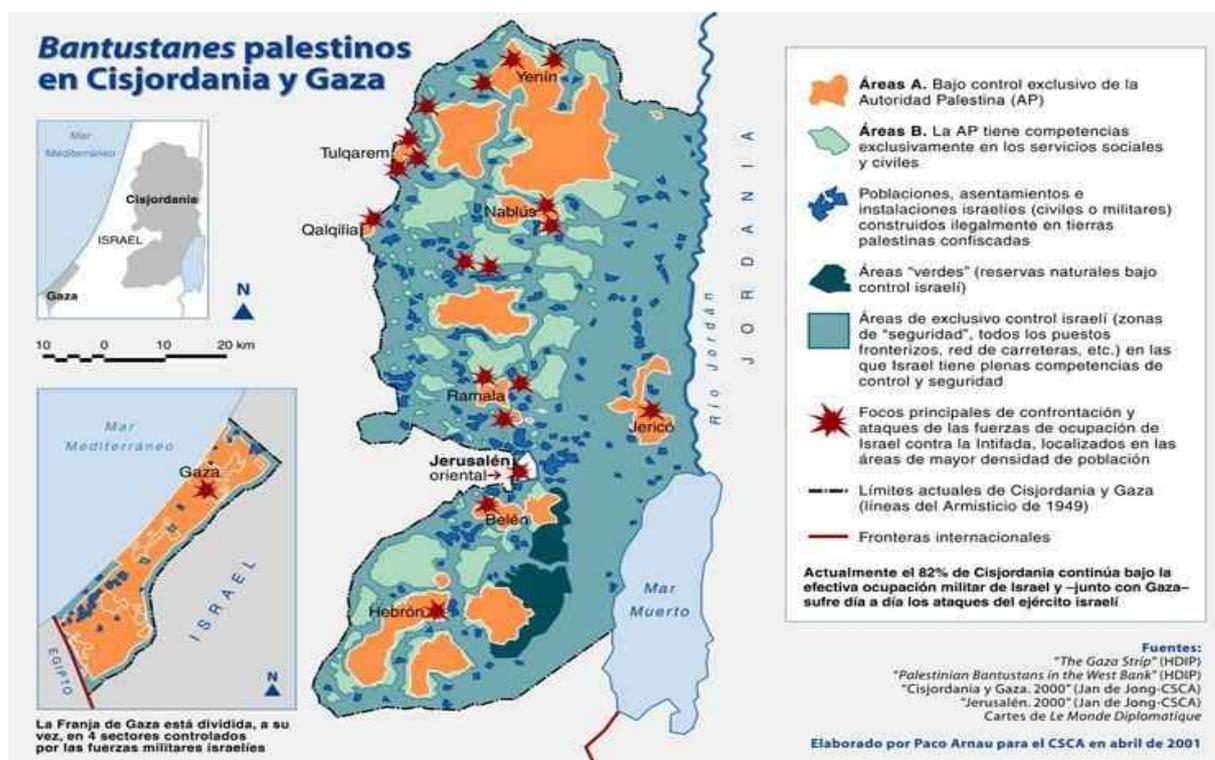


Este mapa retrata o alcance dos diversos foguetes do Hezbollah e fornece uma ideia da situação crítica da segurança nacional de Israel. Se poderia traçar círculos similares com epicentro em Gaza. Israel é por si só um país praticamente sem espaço vital, e não digo somente espaço defensivo. Mais cedo ou tarde se verá a necessidade de neutralizar definitivamente essas ameaças interiores (Cisjordânia e mais especialmente Gaza) e ampliar suas fronteiras, especialmente no norte, mas também no sul (recuperando o Sinai, talvez tomando o controle do Canal de Suez). Isto daria a possibilidade de controlar todo o corredor energético do Levante, que vai desde o Egito até o porto turco de Ceyhan, realizando o sonho da “*Eretz Israel*” ou “Grande Israel”. Atualmente, a Comunidade Internacional mantém uma zona de segurança entre Israel e Líbano.

Outro problema de Israel é a presença dos territórios palestinos de Gaza e Cisjordânia. Antes de 1948, os palestinos eram uma população autônoma, mas com a criação do Estado de Israel suas terras e seus direitos têm sido diminuídos progressivamente. A Cisjordânia, apesar de pertencer ao Estado da Palestina, tem sido ocupada por colonos israelenses, e as zonas realmente controladas pela Autoridade Palestina se limitam a algumas “ilhas” submetidas a uma rígida vigilância. A superpovoada Faixa de Gaza abriga o Hamas, um movimento extremista palestino que goza de grande popularidade e que recebe substancial ajuda do Irã e de grande parte do mundo árabe, incluindo tráfico de armas através da fronteira do Egito. A Operação Chumbo Fundido (2008) não veio anular o poder militar do Hamas, senão reforçou o prestígio desta organização. O conflito na Faixa de Gaza corre o risco de estender-se para a Cisjordânia, especialmente se houver eleições, já que a Autoridade Nacional Palestina é um organismo corrupto e a maior parte da população Palestina votaria a favor do Hamas.



A evolução do controle político israelense desde o pós Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, não estavam incluídas as Colinas de Golã, um território sírio ocupado desde 1967. Como se vê, a tendência tem sido a expansão dos assentamentos israelenses e o rápido encerramento da população palestina em guetos.



Cisjordânia e Gaza, territórios do reivindicado Estado palestino, que busca expulsar os ocupantes israelenses (colonos e forças de segurança). Atenção aos territórios marcados em azul escuro, que representam os assentamentos e outras construções israelenses em terras palestinas. Nota-se que em Gaza e Cisjordânia, supostamente pertencentes integralmente ao Estado palestino, na prática somente parcialmente (as zonas laranjas) se encontram sob o controle da Autoridade Palestina, com o restante ocupado ilegalmente pelos israelenses. Em Gaza vivem mais de 1,5 milhões de palestinos, e a densidade demográfica é de mais de 4000 habitantes por km² (a sexta zona mais densamente povoada do mundo). A imensa maioria odeia intensamente Israel, e se identifica com os objetivos do Hamas. Na Cisjordânia vivem

2,5 milhões de palestinos, isolados entre as zonas como se fossem um arquipélago (ver Atlas Geopolítico 2010, p. 129, “o arquipélago da Palestina Oriental”), e forçados em seus movimentos cotidianos a passar pelos numerosos postos de controle do Exército israelense. Os distúrbios e enfrentamentos são frequentes e, para a desgraça da paz, tanto Cisjordânia quanto Gaza são áreas estratégicas para a segurança nacional de Israel.



O Golfo de Aqaba permite que as forças israelenses não dependam do Canal de Suez, e é chave para a projeção estratégica de Israel no Mar Vermelho. É uma das causas da instabilidade territorial na região (Sudão, Eritreia, Iêmen e Chifre da África).

LIBIA: Kadafi, que tem como modelo o falecido líder egípcio Nasser, é um ditador, e a Líbia uma ditadura. Contudo, o mundo árabe está repleto de ditaduras, e a ditadura Líbia, em particular, não é a mais odiosa. Ao contrário, tem feito mais pelo seu povo que qualquer país do Magreb, tanto é que a Líbia tem a maior renda per capita de qualquer país da região, muito a frente dos demais, e se encontra no segundo lugar no Índice de Desenvolvimento Humano da África, atrás apenas da África do Sul. Kadafi desafiou as multinacionais petrolíferas (mas teve que voltar atrás quando viu Bagdá cair diante da coalizão contra Sadam Hussein)², nacionalizou os recursos naturais (sua proposta de nacionalizar os hidrocarbonetos poderia ter causado uma cisão tanto no âmbito do governo quanto dos setores populares), estabeleceu educação universitária gratuita e assistência médica reivindicada pelo restante dos povos magrabinos, construiu dutos desde os aquíferos do Saara até a costa para solucionar o problema da falta de água (talvez o único país árabe que conseguiu tal feito), articulou um setor de inteligência bem informado e com experiência no estrangeiro e na língua inglesa, construiu habitações dignas para os trabalhadores, e as mulheres líbias desfrutavam de direitos e um relevante papel social, impensável para o restante das mulheres árabes (exceto as sírias), misturando-se livremente aos homens nas universidades. A situação era tão privilegiada que não só a Líbia não enviou emigrantes à Europa, senão recebeu trabalhadores do Egito, Túnis e até da China. Obviamente, as repressões do aparato estatal contra os dissidentes políticos eram contundentes, mas isto não difere do que se passa em países como Marrocos, Bahrein e Arábia Saudita.

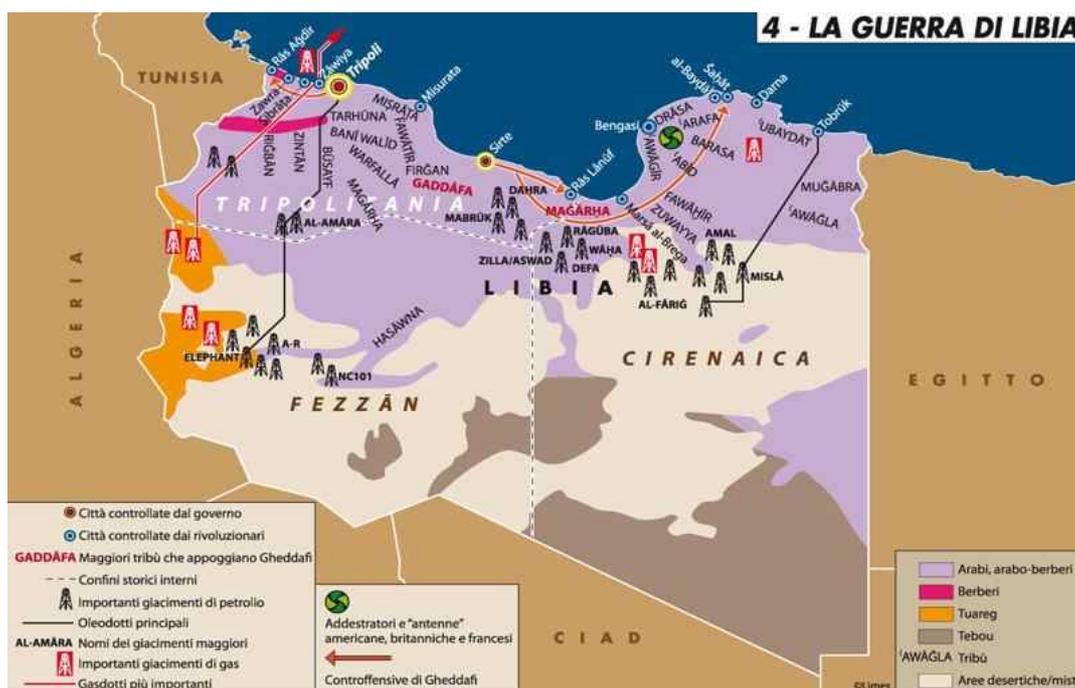
2 N.T.: A estratégia líbia de concessão de petrolíferas para empresas estrangeiras europeias não surtiu o efeito esperado por Kadafi, pois logo depois da escrita deste texto a OTAN patrocinou em 2011 ampla campanha aérea apoiando as forças rebeldes que depuseram e assassinaram o ditador.

Por outro lado, a Líbia é o segundo fornecedor de petróleo da Espanha (o primeiro é o Irã). Em 2010, aumentamos em 33% nossa importação de petróleo líbio, e agora mesmo (primavera de 2011) se percebe os efeitos da guerra nos preços dos combustíveis. Também o regime kadafista garantia uma estabilidade regional necessária para os interesses europeus; o mesmo Kadafi advertiu em uma linguagem direta que uma “onda de negros” entraria na Europa se ele caísse, profecia que começa a ocorrer na Itália. O Vaticano, por sua vez, espera que possa ganhar novos adeptos para a religião católica entre os refugiados.



Países como Rússia, China e Irã, consideram que Kadafi deve cair, mas que é o povo líbio quem deve concluir a revolução, não os mísseis da OTAN. A democracia deveria ser uma reação espontânea e autêntica do povo e não uma imposição de forças estrangeiras. Tal como se desenvolve, a guerra da Líbia é simplesmente um roubo de petróleo e gás natural por parte das multinacionais. O Exército russo que tem vigiado a Líbia por satélites espíões tem negado que Kadafi teria bombardeado o seu povo, como declararam as mídias ocidentais desde o início da guerra.

O conflito líbio promete mudar o quadro geopolítico do Magreb (a Líbia apoia os inimigos de Marrocos), do Mar Vermelho (apoia a Eritreia) e do Chifre da África (apoia os extremistas somalis e a pirataria no Índico). Não está claro no que pode resultar um governo líbio formado pelos atuais rebeldes. Os israelenses consideram que os rebeldes líbios, que dizem desejar a democracia na Líbia, têm vendido armas químicas (desviadas do arsenal kadafista de Bengazi) ao Hezbollah e Hamas, e transportadas ao Mar Vermelho através do Sudão. O ataque seletivo de Israel em Porto Sudão em 6 de Abril de 2011 supostamente foi dirigido para deter uma destas operações de venda de armamentos. Possivelmente, os grupos islamitas envolvidos consideram que Suez já não é um obstáculo intransponível após a queda do egípcio Mubarak.



Fonte do mapa: <http://temi.repubblica.it>

BAHREIN: Bahrein, como Iraque e Iêmen, é um campo de batalha entre Irã (que é como dizer Rússia e China) e Arábia Saudita (que é como dizer Israel e Estados Unidos). O ex-parlamentar iraniano Alí Akbar Nori considera que o Bahrein é a "14ª província do Irã", baseando-se no fato de que a maior parte da população bahrenita (60-70%) é de religião xiita, enquanto que o regime ditatorial do rei Hamad é sunita. Já na década de 90, cerca de 30 pessoas foram detidas no Bahrein por planejar a derrubada da ditadura e instaurar uma república islâmica. Os serviços secretos do Irã foram acusados de promover esta tentativa.

No Bahrein tem havido uma onda de revoltas, e os petro-regimes da Arábia Saudita, Qatar e Emirados Árabes, pressionados por EUA e Reino Unido, se apressaram em enviar tropas para reprimir as manifestações e sustentar a ditadura pro americana da dinastia Al Khaifa. Registra-se ainda a dupla face dos meios de comunicação ocidentais.... Para o periódico "El País" os rebeldes líbios, apesar de armados até os dentes pela Al-Qaeda e CIA, estão simplesmente "desesperados, abandonados, impotentes, angustiados, frustrados", enquanto que os rebeldes bahrenitas são considerados "extremistas com o rosto coberto", ainda que desarmados. No Bahrein tem ocorrido matanças de civis, tortura, detenções ilegais, guerra química (gás nervoso) e desaparecimento de órgãos dos cadáveres. Têm ocorrido torturas e dois ativistas xiitas morreram na prisão. Contra os manifestantes se faz uso de metralhadoras instaladas em carros blindados e helicópteros Cobra de fabricação norte-americana. As forças árabes atacaram hospitais (incluindo o Centro Médico Salmaniya, onde muitas enfermeiras foram abusadas sexualmente), inclusive feridos, ambulâncias e pessoal médico, tudo com a cumplicidade midiática do Ocidente.

O problema não é a falsidade dos meios de comunicação (que no fim das contas não são mais do que os porta-vozes dos interesses econômicos privados e apátridas que se consideram acima dos Estados e para quem a ética não existe), sinto que suas

palavras são tomadas como verdade por parte de um público desinformado. A importância estratégica do Bahrein é enorme: lá está o quartel general da 5ª frota estadunidense, e o país é pivô central do controle imperial americano no Golfo Pérsico, incluindo a sustentação da ocupação do Iraque.

EGITO: “Quando a França espirra, a Europa adoce”, se dizia no século XIX. Isto pode aplicar-se ao Egito e ao restante do mundo árabe. O Egito é o país árabe mais povoado, considerado o berço do mundo árabe clássico, é também antiga referência na luta contra Israel e o imperialismo ocidental (com Nasser a frente), sede da ortodoxia religiosa e popular (com grupos muitos antigos como a Irmandade Muçulmana) e fortemente turístico.

É provável que as rebeliões no Egito (e também em Túnis) tivessem como verdadeiro objetivo assegurar os flancos da Líbia. É provável também que Mubarak não quisesse prestar apoio aos rebeldes líbios, já que tinha uma boa razão para isto: insolitamente, a Líbia era parceira na luta contra a Etiópia, que Cairo percebe como ameaça ao seu controle sobre o Nilo Azul, rio vital para o Egito atual assim como no passado. Desse modo, Mubarak também apoiava a Eritreia, por exemplo. As consequências do que aconteceu no Egito ainda estão por vir. Nas manifestações se escutaram gritos de “*Allahu akbar*” e viram cartazes de Mubarak com a estrela de Davi a frente. Esse era o sentimento popular, mas a direção que tomará a política egípcia é outro assunto. As maiores forças políticas egípcias são o Exército (com importantes laços com o Pentágono e as redes de inteligência do mundo árabe, apesar de que seu povo vê-lo como o Exército heroico que lutou contra os israelenses em tempos passados) e a Irmandade Muçulmana (movimento social poderoso e respeitado, com grande experiência de luta clandestina e organização). Em Israel a queda de Mubarak foi contemplada com horror, enquanto assistiam o novo regime do Cairo abrir o Canal de Suez a uma flotilha iraniana. É bastante indicativo que o novo governo militar havia baixado um decreto em 23 de março proibindo os protestos e as graves, e que em 9 de abril havia reprimido com tiros uma nova manifestação na tristemente célebre praça Tahir, matando dois manifestantes.



“A bacia do Nilo”. O Egito não pode viver sem as fontes do Nilo Azul, em poder da Etiópia. Isto fez com os interesses egípcios e líbios no Mar Vermelho e no Chifre da África tendessem a confluir, e poderia ter sido um motivo de peso para que Mubarak se negasse a prestar apoio à insurgência líbia. Depois de sua queda, o novo governo militar egípcio tem apoiado ativamente os rebeldes líbios. Fonte; <http://temi.repubblica.it/>

CHIPRE: A ilha de Chipre foi colônia britânica antes de sua independência em 1960, na qual os ingleses têm mantido até hoje dois enclaves estratégicos: Akrotiri e Dhekelia. Na ilha estão estacionados cerca de 3000 militares britânicos e importantes instalações de inteligência eletrônica. Chipre é uma ilha de altíssimo valor estratégico, em pleno Mediterrâneo Oriental, na encruzilhada entre Ocidente e Oriente.

As tensões entre a população greco-cipriota e a turco-cipriota culminaram em 1974 com um golpe de Estado por parte da guarda nacional greco-cipriota, tentando implantar o que eles chamam de *enosis*³ (união com a Grécia). Em resposta, a Turquia invadiu a ilha e estabeleceu a República Turca do Chipre do Norte, somente reconhecida por Ancara. Os turcos detiveram seu avanço diante dos enclaves britânicos, para evitar um conflito militar com o Reino Unido. Os britânicos se mantiveram em silêncio e não se envolveram nas disputas. Inclusive prestaram ajuda humanitária aos refugiados greco-cipriotas, mas é muito provável que o MI6 tivesse papel na invasão da ilha por parte da Turquia. Em 1983, o Chipre do Norte proclamou unilateralmente sua independência. A Turquia mantém numerosas forças militares no norte, que são consideradas como uma força de ocupação ilegal por parte da comunidade internacional.



O norte, zona administrada pela Turquia (Ancara é o único governo que reconhece a legitimidade da 'República do Chipre do Norte') é de religião islâmica. O sul, zona administrada pelo governo cipriota, de religião cristã-ortodoxa, tem importantes laços com a Grécia. Existe uma “zona de segurança” da ONU entre ambos os territórios. Em rosa, os enclaves britânicos de Akrotiri (oeste) e Dhekelia (leste).

Em janeiro de 2008, os enclaves britânicos adotaram o euro, junto com o restante do Chipre, ainda que não seja parte da União Europeia. Trata-se dos únicos territórios ingleses que usam esta moeda. Um mês depois foi eleito o presidente esquerdista

3 N.T.: O *enosis* é o movimento da população greco-cipriota para a incorporação da Ilha de Chipre à Grécia.

Dimitris Christofias, que tem falado em fechar as bases britânicas já que elas são uma “mancha colonial de sangue”.

Durante muitas décadas, o Chipre tem sido uma encruzilhada em que se encontram serviços de inteligência de Israel, Reino Unido e de todo o mundo árabe. O MI6 tem utilizado a ilha como um “posto de escuta” para o Oriente Médio. Após a queda da Cortina de Ferro, o Chipre se converteu em receptora de população russa (uns 20.000), com um número cada vez maior de oligarcas que escolhem viver ali. Depois do incidente do Mavi Marmara⁴ e da aproximação de Ancara à Moscou, a Rússia tem uma grande projeção estratégica no Chipre do Norte. No sul, o Kremlin joga bem a carta “neo czarista” da religiosidade cristã ortodoxa, e está ganhando influência.

Tanto é assim que em agosto de 2010, apareceu morto em uma praia turca o general Yuri Ivanov, o segundo no comando do GRU (uma das agências russas de inteligência no exterior, a outra é a SVR). O general havia sido visto pela última vez supervisionando a expansão da importante e pouco conhecida base miliar russa de Tartus (Síria), que está circunscrita aos efetivos navais no Mar Vermelho. A evidência sugere que o general se encontrou com pessoal da inteligência síria e que foi assassinado pouco depois em Chipre. Os espões de alto nível geralmente estão muito bem protegidos, e é raro um serviço rival efetuar uma missão desse calibre, por medo de desencadear guerras sujas numa espiral de represálias e contra represálias. Portanto, este grave incidente sugere que a ilha é um centro pulsante para diversos serviços de inteligência, talvez especialmente russo e anglo-israelense.

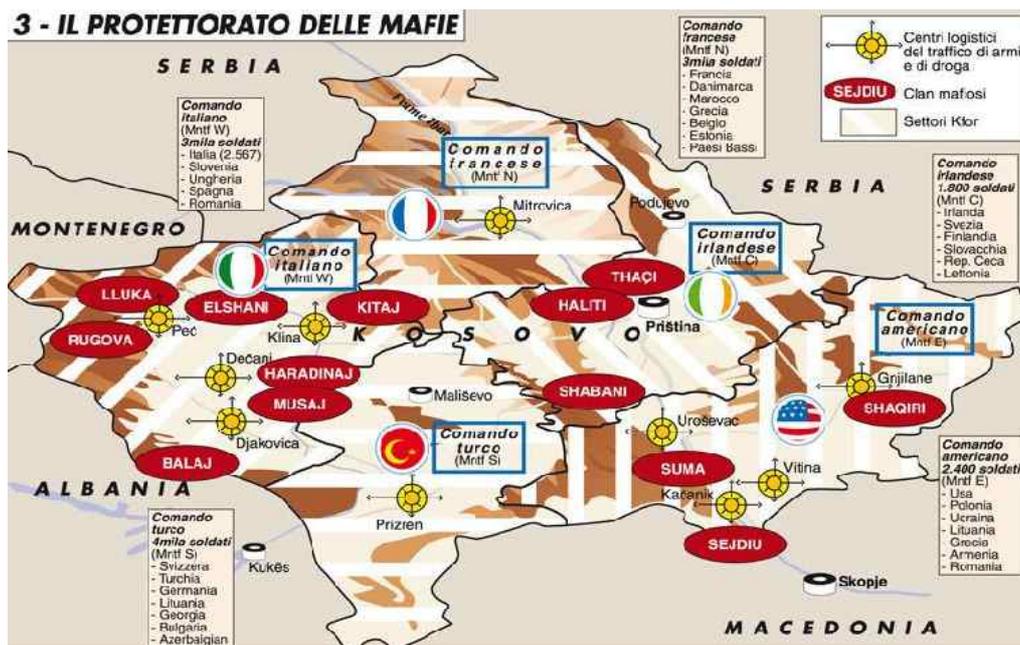
ALBÂNIA-KOSOVO: Os conflitos na ex-Iugoslávia são resultado direto da queda da Cortina de Ferro. Em termos geoestratégicos, o que não pertence a você, pertence ao inimigo. Isto significa que quando a influência da Rússia declinou, os norte-americanos e a União Europeia (especialmente a Alemanha) aproveitaram para levar a cabo uma penetração de influência. Foram cometidas atrocidades de todos os lados, as populações de etnia sérvia foram selvagememente hostilizadas pela UCK albano-kosovar, financiada pelo Pentágono, e a Sérvia foi bombardeada pela OTAN. Atualmente, a Sérvia é uma peça estratégica importante para a Rússia nos Bálcãs. Embora tenha cortado sua saída para o mar com a independência de Montenegro, a Sérvia mantém seu papel graças a posição estratégica e cêntrica de Belgrado, ao Danúbio e aos diversos projetos russos (e chineses).

A decadência da influência norte-americana na Europa, assim como o projeto do russoduto *South Stream* (que parece que prevalecerá sobre o projeto rival *Nabucco*, apoiado pelo EUA), prenuncia uma lenta reconstrução da influência de Belgrado e, via de consequência, novo estímulo para antigas hostilidades como o conflito contra os albano-kosovares, com quem há desagradáveis dívidas históricas a serem cobradas. Albânia-Kosovo é um importante foco de crime organizado, prostituição internacional, tráfico de drogas (ópio procedente do Afeganistão e desembarcado em bases norte-americanas sob o olhar de militares americanos), tráfico de órgãos (geralmente com “doadores” sérvios) e uma série de grupos mafiosos seriamente problemáticos para a União Europeia. Um informe de 15 de janeiro, intitulado *Inhuman treatment of persons and illicit trafficking of human organs in Kosovo* (“Tratamento desumano e tráfico ilícito de órgãos humanos em Kosovo”) detalha como o atual primeiro ministro kosovar e ex-terrorista e líder mafioso

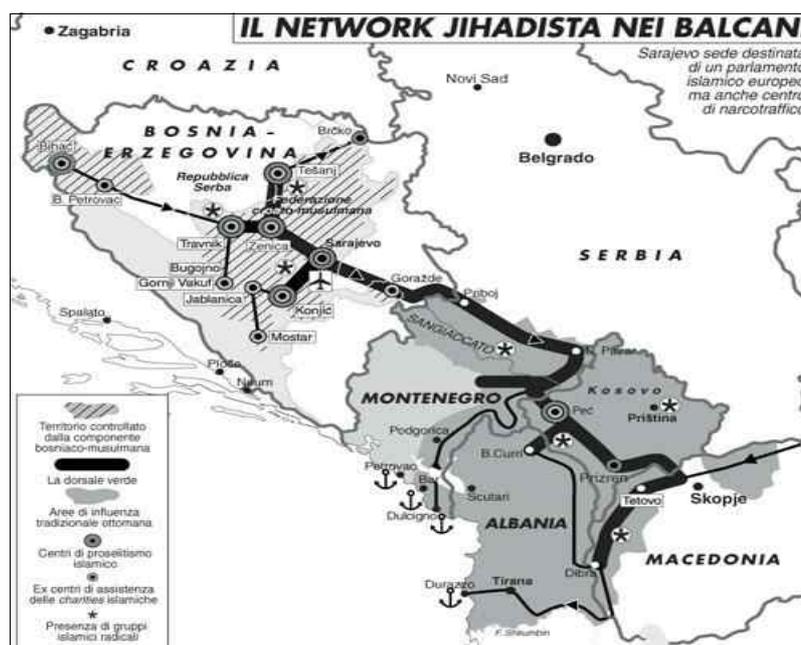
4 N.T.: O Mavi Marmara era o navio turco que liderava a flotilha de ajuda humanitária destinada a Faixa de Gaza, atacado por forças militares israelenses em maio de 2010.

Hashim Thaçi, patrocina diretamente esta chaga. O informe suscitou um caloroso debate a portas fechadas no parlamento europeu.

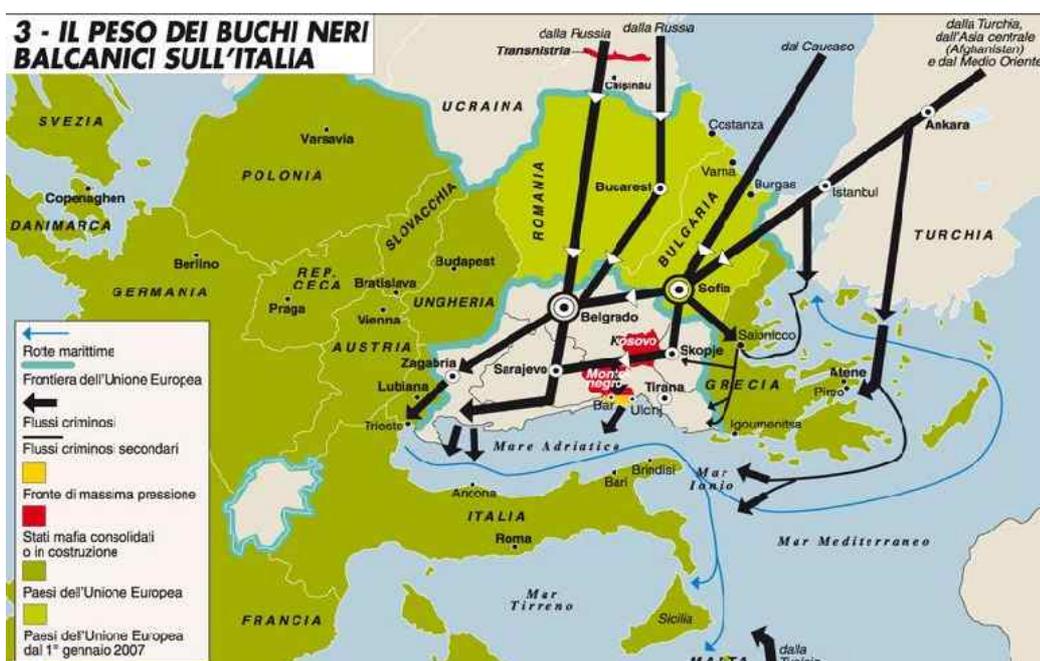
O enclave mafioso chamado Kosovo fora feudo turco durante o namoro entre Ankara e a OTAN. Após o ataque à flotilha da Faixa de Gaza, a Turquia deseja ficar bem com a Rússia, e é provável que no futuro deixe o Kremlin com mãos livres para atuar nos Bálcãs. A importância de Albânia-Kosovo é que é um enclave do Islã na Europa, herança do Império Otomano, e que constitui um importante ponto de projeção do mundo islâmico.



“O protetorado das máfias”. Clãs mafiosos, tropas estrangeiras e centros de crime organizado.



Infraestrutura jihadista nos Bálcãs.



O peso das “zonas escuras” balcânicas sobre a Itália. Kosovo e Montenegro como estados mafiosos.



A importância da diáspora albanó-kosovar e a desestabilização da costa balcânica como medida da OTAN para frustrar os avanços dos projetos russos orientados a enlaçar com Itália.

CURDISTÃO: Os curdos se encontram dispersos pelo leste da Turquia e norte da Síria, Iraque e Irã. Israel tem apoiado a minoria curda, já que um Curdistão livre enfraqueceria as potências hostis na região, e romperia com um bloco geopolítico formado por Irã-Turquia-Síria-Líbano, e com a combinação de ações militares contra Síria e Líbano,

possibilitariam a Israel maior protagonismo quanto à monopolização de rotas energéticas em todo o Mediterrâneo Oriental (por exemplo, o oleoduto de Baku-Tbilisi-Ceyhan), erigindo-se como torneira do petróleo do Golfo Pérsico e do Mar Cáspio para a Europa. O Curdistão tem sofrido numerosas guerras e repressões, e esse conflito está longe de ser solucionado. Atualmente, debaixo do guarda-chuva da ocupação norte-americana no norte do Iraque, o PKK, uma facção curda, tem a condição de estabelecer um governo autônomo (que tem negociado de forma independente com corporações petrolíferas estrangeiras), algo que tem desagradado Ancara. Do mesmo modo, Washington e Telavive têm fornecido apoio ao PJAK, o movimento curdo no Irã. O bloco atlantista está interessado em que o Curdistão seja uma zona instável, até que se transforme num Estado fantoche.

